

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA  
INSTITUTO A VIA**

**FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA**

**FÁBIO SOARES SILVA**

**A EPISTEMOLOGIA E A METAPSIKOLOGIA NA OBRA: A INTERPRETAÇÃO DOS  
SONHOS**

**ITAITINGA-CE**

**2022**

# A EPISTEMOLOGIA E A METAPSIKOLOGIA NA OBRA: A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Fábio Soares Silva<sup>1</sup>

**RESUMO** – Este artigo tem como objetivo apresentar a epistemologia e a metapsicologia desenvolvida por Sigmund Freud na obra: a interpretação dos sonhos. Trata-se de um estudo teórico que abordará os anteriores conceitos a respeito da natureza dos sonhos, e como Freud encontrou condições necessárias e suficientes para sua afirmação do conhecimento desenvolvido e totalmente contrário aos conceitos até então levantados e defendidos, tanto no campo filosófico, místico e religioso, a respeito do conteúdo dos sonhos. Integrar-se-á ao artigo a hipótese metapsicológica, onde de modo breve, visa compreender a organização e o funcionamento do psiquismo, bem como as estruturas que formam os sonhos. E, por fim, apresentar-se-á a grande contribuição que a obra teve no campo científico, especialmente a psicanálise. Portanto, através deste, será sabido o quanto a obra citada fez um grande corte epistêmico, contribuiu para a teoria e clínica psicanalítica e o quanto Freud, de modo primoroso, encontrou o caminho real para o então desconhecido inconsciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia. Metapsicologia. Interpretação. Sonhos.

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo significado dos sonhos sempre fez parte das antigas sociedades humanas até os dias atuais. Porém nota-se que o significado dos sonhos, desde os tempos mais remotos, tinha uma origem externa: uma revelação divina, uma premonição. Temos como exemplo o clássico sonho de Faraó do Egito, que José interpretou, descrito no livro do Gênesis (Watch Tower, 2015).

No campo da filosofia, entre o século IV, havia uma discordância: Platão (2001) acreditava na divindade dos sonhos, ele atribuía os sonhos aos deuses e sua função era avisar os humanos sobre o que aconteceria no futuro. Em Aristóteles (Ferreira, 2021) essa crença começou a desaparecer, este argumentava que até mesmo animais sonham – uma vez que tanto os homens quanto os animais possuíam uma alma -,

---

<sup>1</sup> Técnico em contabilidade, habilitado CRC-CE 023632/O-2, matriculado no Curso de Psicanálise Clínica no Instituto Superior de Psicanálise A Via.

então os sonhos não poderiam ser divinos. Já outros filósofos não deram crédito algum aos sonhos, estes eram considerados sem valor.

Com o tempo o homem passou a atribuir um significado comum e padrão para os sonhos, cada imagem já teria seu próprio significado, até mesmo livros foram escritos para fazê-lo.

Em 1900, Sigmund Freud, inaugura sua obra revolucionária chamada: “A interpretação dos sonhos”. Através deste, o autor discorre sobre a origem interna dos sonhos, seu caráter temporal no passado, sua formação através de um sistema psíquico e que o sonho é a realização de um desejo do sonhador.

Porém surgem problemáticas acerca de tal inferência: Qual o trabalho dos sonhos? O que de fato é o sonho? Os sonhos de angústia e desprazer seriam a realização de um desejo? Como Freud construiu sua teoria formando assim uma nova epistemologia para os sonhos e criando a metapsicologia?

Freud apresentou suas respostas através do desenvolvimento teórico do: trabalho que ocorre nos sonhos e do aparelho psíquico, que seria dotado de instâncias ou sistemas, explicando paulatinamente o trabalho linear e homogêneo que cada uma dessas instâncias psíquicas faz para que ocorra tal trabalho, fundamentando seus argumentos através da análise do sonho da injeção de Irma e de sua experiência clínica.

Através de um estudo teórico, tendo como objetivo descrever a epistemologia e metapsicologia freudiana apresentada em sua obra, este presente artigo descrever-se-á os conceitos relacionados pelo autor acerca do trabalho dos sonhos e seus derivados, sendo esses: condensação, deslocamento, figurabilidade, inversão, conteúdo latente, conteúdo manifesto, registros mnêmicos, levando-nos até a suposição proposta por Freud, da localização dos sistemas psíquicos: consciente, pré-consciente e inconsciente.

Este conteúdo contribuiu para a teoria e clínica psicanalítica e deu à humanidade um novo conceito para os sonhos, conceito esse científico e que nos levou a reconhecer instâncias psíquicas que interferem em nossos pensamentos, sentimentos e

ações. Tal descoberta levou a possibilidade de um sujeito adoecido psiquicamente ter a possibilidade de uma vida mais saudável.

## 2 O CONCEITO CULTURAL E HISTÓRICO DOS SONHOS

Segundo o dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (1967), a palavra sonho vem do grego **οναρ** (*onar*), e significava para o Antigo testamento, judaísmo e o mundo grego antigo, que os sonhos seriam recados de Deus, ou dos deuses, sobretudo os sonhos recebidos por reis, profetas, oráculos, magos e sacerdotes.

No antigo Egito, os sonhos situavam uma zona entre a humanidade e o além, ou domínio dos deuses. As visões noturnas e os sonhos constituíam um processo de manifestação das deidades aos humanos. Um célebre exemplo é o do Faraó Djehutimés (Thotmes IV, da XVIII<sup>a</sup> dinastia (1401-1391 a.C). O deus solar que a esfinge representa lhe apareceu num sonho, lhe prometendo o reinado e solicitando que, uma vez rei, livrasse sua imagem da areia do deserto que a recobria em grande parte:

Contempla-me, olha-me, o meu filho Djehutimes! Eu sou teu pai, Hórus no horizon-te-Khepri-Re-Atum. Eu te darei a realeza sobre a terra, a frente dos vivos. Tu usaras a Coroa Branca e a Coroa Vermelha, no trono de Geb, príncipe [dos deuses]. Tua será a terra, em seu comprimento e em sua largura, a totalidade daquilo que ilumina o Olho do Senhor de Tudo. Tu serás o guardião da subsistência que provem do solo, receberas abundantemente tributo de todos os países estrangeiros, e a duração de tua vida será rica em anos. (Cumming, 1984, p. 247).

No período da idade média (Schmitt, 1997), sob o domínio da igreja católica, os sonhos podiam ser interpretados como demoníacos ou de ordem da bruxaria, logo, qualquer forma de adivinhação ou interpretação dos sonhos era inaceitável, pois tais interpretações eram vistas como blasfêmias, uma afronta a Deus, visto que, somente Ele possui o conhecimento do futuro.

Ainda na idade média, os filósofos eram totalmente contrários ao pensamento da igreja católica. Segundo Roudinesco e Plon (1988), os filósofos consideravam a atitude onírica tão absurda e insensata quanta as afirmações dos desvairados:

A atividade onírica foi depreciada por René Descartes (1596-1650), que a mencionou para invalidar o depoimento dos sentidos em matéria de

estabelecimento da realidade. Ao contrário, Baruch Spinoza (1632-1677) atribuiu ao sonho um lugar específico. Na *Ética*, negando que a suspensão do juízo possa ser considerada um efeito de nossa livre vontade, Spinoza explica que temos repetidamente a experiência desse limite em nossos sonhos. “Não creio que exista nenhum homem”, esclarece ele, “que, durante seu sonho, pense ter o livre poder de suspender seu juízo sobre aquilo com que está sonhando, e de se fazer não sonhar com aquilo com que está sonhando; e, no entanto, mesmo nos sonhos, sucede-nos suspender nosso juízo quando sonhamos que estamos sonhando.” (ROUDINESCO. PLON. 1988, p. 723).

Para Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Segundo Roudinesco e Plon (1988, p. 723), o sonho deve ser rejeitado enquanto atividade racional e entendido apenas como preocupações, sistemas e teorias. Essa argumentação foi aceita pelos poetas e filósofos como Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer. No entanto, o romantismo declinou e o pensamento positivista ascendeu banindo o sonho como puro produto da atividade cerebral desprovido de qualquer sentido.

A partir dos trabalhos de Alfred Maury e Karl Albert Scherner, Freud (1996) se empenhou pelo estudo dos sonhos enquanto atividade psíquica, afastando os conceitos até então desenvolvidos, descrevendo minuciosamente o trabalho dos sonhos, sua importância e utilização no processo analítico.

### **3 A EPISTEMOLOGIA E METAPSIKOLOGIA FREUDIANA DOS SONHOS**

A palavra epistemologia tem a ideia de ciência do saber humano, um tipo de construção sistemática a partir de um princípio, um programa de trabalho para estabelecer o saber.

Conforme supracitado os sonhos, até então (1900), têm uma origem externa e seu caráter temporal no futuro.

Em 1895, Freud trata uma mulher chamada Irma, porém com êxito parcial. Seu colega Otto Ihe visita, e, tendo estado com Irma recentemente, afirma que ela está melhor, mas não completamente, o que deixa Freud irritado. Na mesma noite ele escreve a história clínica de Irma para enviar ao Dr. M. Nesta noite ele tem um sonho, cuja transcrição segue:

(Sonho de 23/24 de Julho de 1895). Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante,

puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.” — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido.) ... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.” ... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres) ... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa. (SIGMUND, FREUD 1996, pp. 102-103)

Muitos detalhes do sonho, que ficou conhecido como “sonho da injeção de Irma”, revelam o desejo do sonhador. No sonho, Freud se vinga de Otto, culpa Irma de sua condição e se vinga do Dr. M, e tudo isso pelo desejo que motivou o sonho: o desejo de não ser culpado pela doença de Irma. Freud discorre:

Se adotarmos o método de interpretação de sonhos que aqui indiquei, verificaremos que os sonhos têm mesmo um sentido e estão longe de constituir a expressão de uma atividade fragmentária do cérebro, como têm alegado as autoridades. Quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 114)

Conforme proposto no artigo, ocorre aqui o corte epistêmico: o sonho deixa de ter origem externa, proveniente de revelação divina, predições demoníacas, estado semelhante a loucura ou algo sem valor algum para a racionalidade, para ter uma origem interna, sendo um desejo latente do indivíduo. Freud (1996) introduz o conceito de que o sonho é portador de um sentido, assim interpretar um sonho implica atribuir a ele um sentido.

No início do capítulo III e no capítulo IV, após reconhecer que o sonho tem um sentido e que o mesmo é a realização de um desejo, Freud (1996) se depara com uma multiplicidade de perguntas acerca da origem do material empregado nos sonhos e pelo significado dos sonhos aflitivos, como por exemplo: os sonhos que revelam conteúdos desagradáveis, sonhos de angústia, horrenda sensação de desprazer, como poderia explicar tais conteúdos oníricos como sendo a realização de um desejo?

Construindo sistematicamente sua epistemologia, Freud (1996) responde à objeção a partir da consideração da distinção entre o “conteúdo manifesto” e “conteúdo latente” dos sonhos. O conteúdo manifesto do sonho é uma espécie de tradução do conteúdo latente. O conteúdo latente é algo estático, pois seu conteúdo é algo fixo no passado. Desse modo, mesmo que o conteúdo manifesto seja desagradável ou horrendo, é possível que, após a interpretação, o seu conteúdo latente mostre ser um desejo. Esse último conteúdo nos leva a pensar que os sonhos têm uma meta de traduzir uma realidade psíquica em outro tipo de realidade, realidade essa que falta ao sujeito. Assim o sonho é o desejo alucinado não satisfeito que agita o psiquismo do sonhador.

A análise do sonho da injeção de Irma (Freud, 1996) descreve também o trabalho feito pelos sonhos, esse trabalho estrutura a epistemologia freudiana dos sonhos, por exemplo: a “condensação”, que é o trabalho onírico de misturar vários afetos e representações para que se forme um quadro geral. Várias ideias se juntam e formam a cena. Através da condensação é possível unir várias pessoas, unir várias palavras e formar pessoas, imagens, misturar nomes... Como Freud descreve:

Nenhuma dessas figuras com que deparei ao acompanhar “Irma” apareceu no sonho em forma corporal. Estavam ocultas por trás da figura onírica de “Irma”, que assim se transformou numa imagem coletiva dotada, há que admitir, de diversas características contraditórias. Irma tornou-se a representante de todas essas outras figuras que tinham sido sacrificadas ao trabalho de condensação, já que transferi para *ela*, ponto por ponto, tudo o que me fazia lembrar-me *delas*. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 250)

Outro trabalho onírico é o “deslocamento”, que ocorre quando a energia do conteúdo manifesto é deslocado. Esse fenômeno faz o conteúdo principal do sonho ficar fora de contexto, expresso como algo sem importância, porém sendo esse o conteúdo latente. Assim ocorre a transferência de um conteúdo com muitas

representações e/ou afetos para um de baixas representações e/ou afetos, Freud discorre:

Portanto parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, *por meio da sobredeterminação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem *uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas* no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sono e o dos pensamentos do sonho. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como o “deslocamento do sonho”. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 262)

A “figurabilidade” é o trabalho onírico em que transforma um som, uma palavra, um gesto em imagem, ou vice-versa. No sonho “Um sonho encantador”, Freud (1996) discorre sobre a “inversão”, que acontece quando o conteúdo onírico inverte o cronológico, o resultado, a conclusão, o final, o começo, as causas. Freud argumenta:

Ao repetir para mim o conteúdo do sonho, o paciente evitara dizer que seu irmão estava lá em cima e ele próprio, “no andar térreo”. Esse relato teria exposto a situação com demasiada clareza, uma vez que, aqui em Viena, quando dizemos que alguém está “*no andar térreo*”, queremos dizer que perdeu seu dinheiro e sua posição – em outras palavras, que “*desceu na vida*”. Ora, devia haver uma razão para que parte desse trecho do sonho fosse representada por seu *inverso*. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 196)

Os “restos diurnos”, ou vivências atuais, são elementos dos sonhos que estruturam o desejo alucinado. Ocorre aqui um grande trabalho onírico e por sua vez o corte epistemológico no conceito de sonho: um desejo do sonhador que se ocupa das vivências atuais, deslocando-as e condensando-as com seus afetos e representações. Após esse trabalho de regressão, o conteúdo latente passa por uma espécie de tradução e imagem, para que ocorra a sua interpretação, como Freud descreve:

Em outras palavras, os estímulos que surgem durante o sono são os conhecidos “restos diurnos” psíquicos. Essa combinação não *precisa* ocorrer; como já assinali, há mais de uma maneira de reagir a um estímulo somático durante o sono. Quando ela *efetivamente* ocorre, isso significa que foi possível encontrar, para servir de conteúdo do sonho, um material de representações de tal ordem que é capaz de representar ambos os tipos de fontes do sonho: a somática e a psíquica. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 157).

Para fundamentar a epistemologia apresentada, Freud (1996) elabora a hipótese de uma metapsicologia, isto é, o “aparelho psíquico”, coordenado por três aspectos: dinâmico, topográfico e econômico.

O aspecto dinâmico é compreendido como a energia psíquica constante, que busca satisfazer seu desejo – observamos que o sonho é a realização de um desejo, ou seja, existe uma energia que busca a sua descarga ou satisfação -.

O aspecto topográfico compreende a divisão de três sistemas no psiquismo: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente.

O aspecto econômico é relacionado com o dispêndio de energia psíquica utilizada nos processos mentais, sua circulação e distribuição da energia pulsional em termos de mobilidade – observamos que no trabalho do sonho ocorre um deslocamento de energia de uma representação para outra e uma condensação desses representantes.

Esse aparelho psíquico (Freud, 1996) fornece uma tentativa de tornar mais compreensível a ideia de localidade, nomeando-os de sistemas ou instâncias e afirmando haver uma relação entre elas. O modelo de aparelho psíquico ficou conhecido como modelo topográfico. A origem do nome “topografia” vem do grego e significa lugar, ou seja, teoria topográfica, dando margem para interpretar que a psique humana era organizada e continha uma espécie de geografia. Freud (1996) introduziu a hipótese de um aparelho psíquico, localizado e organizado na psique humana.

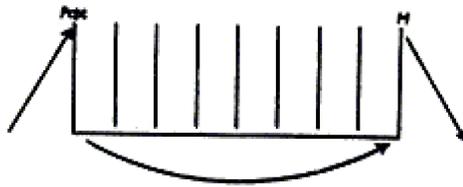
O esquema do aparelho psíquico – a metapsicologia freudiana - proposto no capítulo 7 do livro “a interpretação dos sonhos” (Freud, 1996) se restringe a processos de percepção e memória. A memória conserva o conteúdo das percepções e associa esses conteúdos de acordo com determinadas leis. Na verdade, nossa memória funciona como uma rede associativa, que interliga diversos registros diferentes por associação. Quando elas são registradas, temos então traços mnêmicos, ou seja, as percepções passam a ser memórias.

Freud (1996) compara o funcionamento do aparelho psíquico ao de uma câmera fotográfica. A ideia é que uma parte separada das demais não pode funcionar sozinha, é necessário o conjunto de todas as peças e engrenagens para gerar a foto, assim como no aparelho psíquico. É o conjunto – consciente, pré-consciente e inconsciente – que é responsável pelo funcionamento, e por sua vez, é o trabalho em conjunto das instâncias que formam os sonhos, Freud argumenta:

O que nos é apresentado com essas palavras é a ideia de uma *localização* psíquica. Desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica. Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 132)

Conforme proposto no artigo, Freud (1996) elabora a metapsicologia, ele desenha o aparelho psíquico tendo como uma de suas características a linearidade, há uma sequência no processamento dos elementos, uma determinada direção, que parte dos estímulos (que ele indica pela letra P) e segue para a extensão motora (indicada pela letra M). Uma informação passa de P (estímulos) ao M (motor) percorrendo a memória, ou seja os traços mnêmicos. O quadro esquemático pode ser representado assim (Fig. 1):

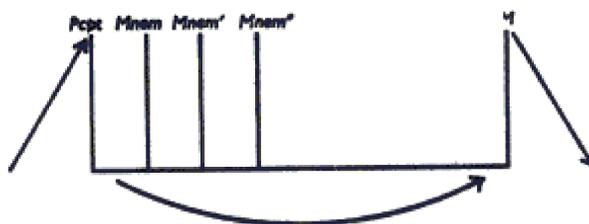
Figura 1 – Aparelho Psíquico



Fonte: (SIGMUND, FREUD 1996, p. 133)

A partir daí, Freud (1996) supõe que um sistema na parte frontal do aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas não preserva, ou registra nenhum traço deles, e, portanto, não tem memória. Há um segundo sistema, que fica por trás dos estímulos perceptivos, que transforma as excitações percebidas em traços permanentes. O quadro desenha o aparelho (Fig. 2):

Figura 2 – Aparelho Psíquico



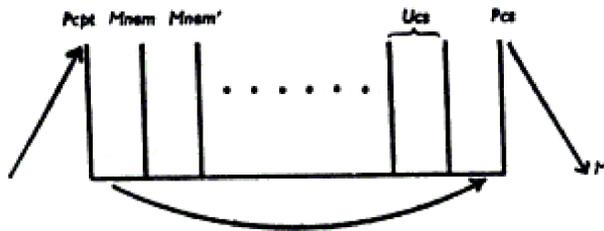
Fonte: (SIGMUND, FREUD 1996, p. 133)

Devido à necessidade, Freud (1996) supõe a existência de diversos traços mnêmicos, no qual uma excitação fixaria uma variedade de registros diferentes, como ele descreve:

Um exame mais detido nos indicará a necessidade de supormos a existência não de um, mais de diversos elementos *Mnem.*, nos quais uma única excitação, transmitida pelos *Pcpt.*, deixa fixada uma variedade de registros diferentes. O primeiro desses sistemas *Mnem.* Conterá, naturalmente, o registro da associação por *simultaneidade temporal*, ao passo que o mesmo material perceptivo será disposto nos sistemas posteriores em função de outros tipos de coincidência, de maneira que um desses sistemas posteriores, por exemplo, registrará relações de similaridade, e assim por diante, no que concerne aos outros. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 134)

A formação dos sonhos possibilitou arriscar a hipótese da existência de dois sistemas: um sistema de percepção e outro sistema que submete o primeiro a crítica, que envolveria a exclusão do material criticado da consciência, tal exclusão possibilitou não mais dois sistemas, mas três, sendo: o primeiro da percepção, o segundo da crítica e o terceiro o sistema que oculta o material criticado. Freud (1996) situou o material psíquico criticado conforme a gravura (Fig. 3):

Figura 3 – Aparelho Psíquico



Fonte: (SIGMUND, FREUD 1996, p. 135)

Na gravura apresentada por Freud, observa-se a “barreira” entre as memórias e a ação motora. Localizado entre eles há o “pré-consciente” que atua como sistema crítico, levantando barreiras para pensamentos que não passaram pela censura. Localizado por trás do sistema crítico há o “inconsciente”, o conteúdo desse sistema não tem acesso à consciência, senão através do processo obrigatório de modificação do pré-consciente.

Ao considerar o desejo onírico, Freud (1996) supõe que a força que impulsiona a formação dos sonhos é fornecida pelo sistema inconsciente, sendo ele o ponto de partida dos sonhos.

Freud (1996) propõe então a existência de uma ação regressiva responsável pelos registros dos traços de memória no interior do aparelho psíquico. Ele formula a concepção de que, a regressão nos processos oníricos é um efeito de uma resistência psíquica que se opõem ao avanço de um pensamento para a consciência pela via normal, mas que existe simultaneamente uma atração sobre o mesmo pensamento por conta de uma lembrança dotada de uma grande força sensorial.

Freud (1996) ainda observa que existem três tipos de regressão, mas os mesmos constituem um só, conforme descrito:

Convém ainda observar [1] que a regressão desempenha na teoria da formação dos sintomas neuróticos um papel não menos importante que na dos sonhos. Assim, cabe distinguir três tipos de regressão: (a) regressão *tópica*, no sentido do quadro esquemático dos sistemas-y que explicamos atrás; (b) regressão *temporal*, na medida em que se trata de um retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e (c) regressão *formal*, onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais. No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 140)

Desta maneira, o conteúdo latente, que compõem os sonhos, são as experiências vividas pelo sonhador, inscritas em sua memória e barradas no inconsciente. Essas inscrições são submetidas às censuras e transformações dos demais sistemas através do conteúdo manifesto, e finalmente o conteúdo é deformado pela elaboração onírica, onde os pensamentos latentes são substituídos ou deslocados por um conteúdo mais aceitável. Esse processo é desencadeado pela instigação dos restos diurnos, que de alguma maneira desperta na consciência algo análogo ao desejo recalcado, e esses buscam a oportunidade, sempre em estado de alerta, para a sua satisfação. Pode-se inferir com isso, que o sonho é uma formação do inconsciente, neste sentido Freud estrutura sua hipótese metapsicológica, conforme suposto:

Do inconsciente, bem entendido. *É minha suposição que um desejo consciente só consegue tornar-se instigador do sonho quando logra despertar um desejo inconsciente do mesmo teor e dele obter reforço.* Segundo indicações provenientes da psicanálise das neuroses, considero que esses desejos

inconscientes estão sempre em estado de alerta, prontos a qualquer momento para buscar o meio de se expressarem quando surge a oportunidade de se aliarem a uma moção do consciente e transferirem sua grande intensidade para a intensidade menor desta última. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 143)

Ao adormecer, o indivíduo renuncia a maior parte de suas aquisições psíquicas. Os restos diurnos são regredidos de forma sistemática até chegar ao desejo alucinatório primário, onde passa por uma espécie de tradução de um conteúdo latente para manifesto, dando a percepção ao sujeito de figurabilidade e palavras. Por ser alucinado o desejo inconsciente ver a possibilidade de descarga. O trabalho do sonho não apenas dá a conhecer o desejo do indivíduo, mas também o de realizar tal desejo. Porém esse trabalho não apenas traduz o desejo, mas ocorre também um disfarce, pois o sistema crítico não permite que tais conteúdos alcancem a consciência sem o seu crivo.

A hipótese da metapsicologia permitiu ainda o conceito de realidade psíquica (Freud, 1996), pois ao olhar para os desejos inconscientes, bem como para toda complexidade do trabalho realizado nos sonhos, se conclui que; a realidade psíquica é uma forma distinta da realidade material, realidade essa que Freud (1996) chamou de inconsciente, sendo a mesma desconhecida quanto a realidade do mundo e incompleta em sua comunicação quanto a consciência, conforme prossegue:

*O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 181).*

A racionalidade apresentada pela psicanálise, através da obra: A interpretação dos sonhos, contribuiu também para a apreensão do inconsciente como objeto de investigações científicas (Assoun, 1996), uma vez que a psicologia concentrava seus estudos na consciência, esse objeto estava até então afastado desse campo. O psiquismo não pode ser estudado pelo viés da consciência, o inconsciente é seu único e possível meio de estudo. O inconsciente só tem efeito, em sua concepção psicanalítica, se for pensado enquanto objeto metapsicológico. E é justamente essa concepção do inconsciente freudiano, dotado de propriedades econômicas-dinâmicas, que dá a hipótese freudiana sua racionalidade específica.

A concepção do inconsciente como objeto metapsicológico (Assoun, 1983) provoca sua saída da visão psicológica e filosófica tradicional, que o tomavam apenas do ponto de vista descritivo.

A maneira pela qual o inconsciente se manifesta (Assoun, 1983) - por não obedecer a ordem racional consciente -, não pode ser apreendida pelos métodos empregados na psicologia, ele exige um método de conhecimento específico para ser apreendido. Portanto a metapsicologia freudiana agrega esse conhecimento e desenvolveu um método de investigação do inconsciente para que esse se manifeste.

A obra “A Interpretação dos Sonhos” foi publicada em 1899, com a data 1900 marcando um começo de uma nova ciência. Freud levou dois anos (1898 e 1899) para escrevê-lo e nele edificou os principais fundamentos da teoria psicanalítica, constituindo o ponto de apoio para todo o desenvolvimento posterior de sua obra. Sua contribuição para a ciência foi inestimável e através dos princípios estabelecidos na obra, ele elaborou as bases do método psicanalítico, ou seja, foi criado um tratamento com base no conteúdo inconsciente das palavras, ações e produtos ficcionais do paciente. Sendo possível realizar uma terapia humanizada, dando voz ao doente e capacitando o futuro analista em seu ofício. Tal descoberta, como descrito, levou a possibilidade de um sujeito adoecido psiquicamente ter a possibilidade de uma vida mais saudável.

Os sonhos dão ao sonhador (Freud, 1996) o conhecimento do passado e nos transportam para o futuro, ao figurar à realização do desejo. Sendo esse futuro moldado pelo desejo à imagem do passado. Freud discorre sobre o valor do conhecimento acerca dos sonhos:

E quanto ao valor dos sonhos para nos dar conhecimento do futuro? Naturalmente, isso está fora de cogitação. [Ver em [1].] Mais certo seria dizer, em vez disso, que eles nos dão conhecimento do passado, pois os sonhos se originam do passado em todos os sentidos. Não obstante, a antiga crença de que os sonhos prevêm o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Afinal, ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos decerto nos transportam para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 186).

## 4 CONCLUSÃO

Durante a história da humanidade, os sonhos, de modo geral, foram conceituados como algo externo ao sonhador e sem valor racional, sendo os mesmos: mensagens divinas, mensagens demoníacas, premonições, suspensão da racionalidade, conteúdo sem valor.

Através da epistemologia e metapsicologia freudiana o conceito sobre o conteúdo dos sonhos tomou um rumo científico. Freud descreveu o trabalho realizado pelos sonhos através do aparelho psíquico; a percepção, a crítica, os registros mnêmicos, o material criticado, a condensação, o deslocamento, a inversão, a figurabilidade. Destacando ainda a localidade psíquica de tais sistemas, sendo esses: consciente, pré-consciente e inconsciente.

Neste sentido, percebeu-se o grande corte epistemológico a respeito da natureza dos sonhos: sua origem interna, localização temporal no passado e sendo o sonho a realização de um desejo inconsciente através de um minucioso e organizado aparelho psíquico. Tal aparelho psíquico foi a hipótese metapsicológica proposta por Freud, para fundamentar todo trabalho realizado na formação dos sonhos, essa suposição contribuiu ainda para o conceito inovador de realidade, sendo essa não apenas material, mas também psíquica e apreendeu o objeto de estudo da psicanálise: o inconsciente, desenvolvendo um método e um saber específico para o mesmo. Tal conhecimento alicerçou a clínica psicanalítica e contribuiu para futuros desenvolvimentos quanto aos conceitos e práticas até então desenvolvidos.

Portanto, a obra “A interpretação dos sonhos” mostrou-se ser uma grande contribuição para a humanidade; permitindo o avanço no campo científico e terapêutico, dando ferramentas ao sujeito de conhecer o passado, seu desejo, entender que forças psíquicas de modo organizado influenciam seus pensamentos, sentimentos e ações, e tal conhecimento possibilita o mesmo a ter uma vida mais saudável.

## 5 REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

\_\_\_\_\_. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

COENE, Lothar. BROWN, Colin. **Novo dicionário internacional de teologia do novo testamento**. Vol. IV: R-Z. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, 1967.

CUMMING, Barbara. **Egyptian historical record of the later Eighteenth Dynasty Q. WL muster**: Aris & Phillips, 1984.

FERREIRA, Vitor Duarte. **Estudos de epistemologia Aristotélica I: Phantasia e ainsthêsis no de anima de Aristóteles**. São Paulo: Dialética, 2021.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Ed. Standard Brasileira, Volume IV (I). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Ed. Standard Brasileira, Volume IV (II). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth.; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHMITT, Jean-Claude. **Medioevo “superstizioso”**. Bari: Laterza, 1997.

WATCH TOWER, Bible and tract society of Pennsylvania. **Tradução do novo mundo da Bíblia Sagrada**. New York: U.S.A, 2015.